

Educação Ambiental & Desenvolvimento Sustentável

Coletânea de artigos

Fabio Ortiz Jr

a Vilvanita Dourado de Faria Cardoso, pelo norte,

a Marcel Bouquet, pela luz,

a Carmem Lucia Soares, pelo caminho.

Mestres e, sobretudo, educadores.

À guisa de apresentação (pós-escrito, Dez 2006)

Esta coleção de artigos foi primeiramente pensada como uma contribuição mensal ao jornal Correio da Serra, recém-criado quando conheci o município de Santo Antonio do Pinhal, no começo de 2000.

Bastaram-me duas ou três visitas à cidade e algumas conversas afortunadas para perceber a necessidade e a importância da valorosa iniciativa de Claudemir Oliveira, o Viola, dono da Viola Pães & Doces, e de Ana Paula Costa, jornalista e dona da Casazul Modas, que juntaram forças na criação de um informativo independente e sério, voltado para o amplo interesse da comunidade local. Tanto quanto me lembro, meses depois, em visita à redação, ofereci-me para colaborar graciosamente com o jornal, criando uma coluna que procurasse esclarecer a população quanto aos riscos de vermos perdida talvez a derradeira oportunidade para a criação de um futuro minimamente saudável para Santo Antonio. A Ana, generosamente, aceitou de imediato e aguardou.

Os temas, eu suponha, deveriam ser tratados e desenvolvidos de forma a aliar seriedade e leveza, conteúdo denso e facilidade de compreensão. Não sei se consegui e há aqui algumas explicações que julgo necessárias.

Primeiro, eu ainda morava e trabalhava em São Paulo. Segundo, ainda não tinha a visão suficientemente clara do que pretendia realizar com a aquisição do sítio feita em Abril daquele ano (foi muito interessante observar a evolução das idéias nos meses subseqüentes). Terceiro, os anos seguintes foram tão pródigos em atribulações e dificuldades de toda ordem que só por milagre (aliás, uma sucessão deles) o sonho não se inviabilizou. De sorte que foi somente em Agosto de 2005 que encontrei tempo e tranqüilidade para escrever.

Como poderá ser percebido no decorrer da leitura, nos primeiros quatro artigos ensaiei, tateei numa possível aproximação cautelosa entre um público indefinido (agora regional) e o conhecimento que desenvolvi em mais de cinco décadas de ricas e dramáticas experiências. Mas eles serviram bastante bem para diluir minhas dúvidas sobre o que escrever e para quem. A partir do quinto artigo minha escolha estava feita: formadores de opinião, agentes de transformação.

Devo confessar que minha oferta de colaboração não era tão desinteressada quanto poderia parecer lá nos primeiros parágrafos acima. Depois de viver 50 anos em São Paulo, viajar muito pelo Brasil e um tanto pelo mundo, ser geólogo depois de editor e livreiro, mais tarde analista de sistemas e consultor de corporações, mas sempre sobretudo professor, agora retomando as raízes das geociências pela visão ambientalista para resultar enfim em um educador ambiental, decidi viver os próximos 50 em Santo Antonio e sua bela região, por certo acaso felizmente esquecida pelo “crescimento econômico” nos últimos 30 anos. Interessa-me que as pessoas compreendam que não é possível ocupar desordenadamente os espaços vitais, não é possível apropriar-se predatoriamente dos recursos que a natureza ainda oferece, não é possível eliminar outros seres e outras espécies como se fossem lixo, não é possível pensar que tudo é como sempre foi ou que será sempre como é, não é possível consumir a vida do planeta Terra e esperar que tudo continue a parecer que sempre estará bem e imutável, não é possível prosseguir neste modelo insano e irresponsável de “desenvolvimento” e “progresso” sem aniquilar qualquer expectativa de futuro para as próximas (e talvez poucas) gerações que nos sucederão. Penso mesmo que no ritmo em que a carruagem desanda, provavelmente nós mesmos pagaremos o preço. É terrível e é real.

Ah, sim, o sítio: nele eu e algumas pessoas de muito boa vontade estamos criando um centro de educação e pesquisas ambientais. Traremos crianças, estudantes, turistas; afinal, mantemos e nutrimos a esperança de futuro, mas com os pés no presente.

Conclusões (1): O Olhar

Artigo 35, publicado no Correio da Serra, Santo Antonio do Pinhal, SP, edição de Abr 2009

Undécimo Capítulo: para então construir algumas conclusões nesta nossa jornada de reflexões.

André Gide, escritor já aqui mencionado, descortinando os caminhos e descaminhos da humanidade, um dia declarou:

"Todas as coisas já foram ditas. Mas, como ninguém escuta, é preciso sempre recomençar."

Uma das observações possíveis a esta afirmação é: sorte a nossa! Outra seria: azar o nosso!

Quando criei para mim (e para os que abraçaram esta idéia) o desafio de constituir o centro de educação e pesquisas ambientais a que tenho me dedicado desde 2000, moveu-me esta inquietude: como conseguir que esta atividade conhecida por "educação ambiental" alcance modificar o comportamento das pessoas para que a vida se sustente? Por que é tão difícil fazê-lo?

Passei os anos seguintes refletindo a respeito, buscando em minha memória, lendo, estudando, pesquisando, observando e conversando muito. Emergiu assim a percepção de que nosso atual comportamento, predador e inconseqüente, é fruto sobretudo de nosso desconhecimento, não nos damos conta do que realmente está a acontecer o tempo todo diante de nós e conosco.

Compreendi isto, num vôo rápido ao que entendo como origem deste problema, ao verificar a dificuldade que temos em nos darmos conta da interdependência (que temos uns com os outros e com todos os aspectos e formas de vida) e também com a percepção da impermanência de tudo. Falta-nos perceber processo. Vi que não compreendemos isto porque não percebemos a dinâmica, o movimento, tendemos a olhar para a vida como quem olha para uma foto e não para

um filme; e compreendi que não vemos a dinâmica porque não nos damos conta do tempo, nossa habitual percepção do tempo (o tal do senso comum) é chapada, sem relevo, sem profundidade, é precária. Nossos sentidos estão anestesiados ou mesmo obstruídos, não nos desenvolvemos, não procuramos um ponto de observação mais amplo.

Assim, minha primeira conclusão diz respeito ao **Olhar**.

Por onde você quer olhar o mundo, qual o seu ponto de observação neste momento, qual a abrangência do seu olhar?

Você vê o mundo pelo buraco de uma fechadura? Prefere vê-lo por uma janela, observá-lo a partir da porta? Ou vai à varanda, ou mesmo desce a rua, percorre uma estrada, sobe numa colina, escala uma montanha? Quem sabe atreve-se a um avião, uma estação espacial, a Lua?

Para você o que é "o mundo"?

No mundo humano, a idéia de uma grande explosão (que nunca vem) é bastante ingênua e tola. Minha geração e eu passamos muitos anos olhando temerosa e diariamente para os céus (aguardando as bombas atômicas ou nucleares que felizmente jamais caíram) e para o entorno (na busca de uma súbita e drástica mudança, a revolução, que nunca veio ou conseguimos fazer). Parte da armadilha consistia em nos vermos "no fundo do poço", onde "ninguém aguentava mais"; logo, "pior não poderia ficar". Porém, teimosa e surpreendentemente, ficava; donde depois de alguns anos concluí que a frase famosa ("pior não pode ficar") apenas denotava falta de imaginação, inexperiência ou desconhecimento.

Continuei a elaborar esta reflexão por muitos anos e minha compreensão, durante a minha formação como

geólogo, foi sendo iluminada por uma mudança radical na percepção do tempo.

Na verdade, compreendi, estamos há décadas ou mesmo séculos em plena explosão, mas tão completamente nela imersos que mal a conseguimos perceber. Dela só nos damos conta ao ampliarmos nossa percepção, nossa escala, pois ela é descomunal no espaço e no tempo: é a mais grave de todas as crises civilizatórias de nossa humanidade até o presente (em minha opinião superando até mesmo os dois momentos conhecidos de há 40 mil e 80 mil anos atrás, quando estivemos por um fio). No entanto, assim também pode ser a mudança súbita, a revolução. Os apocalípticos gostam muito de anunciar o "fim do mundo, fim dos tempos". Ora, seguramente um mundo está se acabando; e em seu lugar outro emerge. É o fim do mundo; mas de que mundo estamos falando?

Há alguns anos li os diários das quatro viagens que Cristóvão Colombo fez em direção ao desconhecido, na busca de uma nova rota marítima para as Índias, um relato precioso e saboroso da descoberta, para os europeus de então, de um "novo mundo" que veio a ser injustamente denominado América.

Encontrei ali, na apresentação, a menção a um fato surpreendente: alguns dos povos indígenas encontrados não foram capazes de dar-se conta da aproximação das naus com os visitantes, mesmo estando nas praias para onde estes se dirigiram e aportaram. As caravelas e seus ocupantes simplesmente não faziam parte do mundo conhecido pelos indígenas, não cabiam em sua cultura, não existiam em seu imaginário. Logo, não existiam ao seu olhar.

Como vimos nos artigos *A Percepção do Tempo*, de Março e Abril de 2006, a nossa percepção do tempo, o *tempo psicológico*, é o que estrutura nosso sistema de crenças e a maneira como percebemos a realidade e com ela interagimos.

Vemos o que queremos ou o que estamos preparados para ver. Todos nós.

O que nos traz problemas não é o que desconhecemos; é o que presumimos, damos por certo, que não pode ser.

Talvez assim seja pelo que nos aponta William R. Inge (1860-1954, inglês), padre, teólogo anglicano e escritor: "*aquele que come do fruto da árvore do conhecimento sempre é expulso de algum paraíso.*"

No próximo artigo avançaremos mais.

Conclusões (2): O Compreender

Artigo 36, publicado no Correio da Serra, Santo Antonio do Pinhal, SP, edição de Mai 2009

Undécimo Capítulo: avancemos com as conclusões nesta nossa jornada de reflexões.

No artigo anterior tratamos da percepção e da desobstrução de nossos sentidos, da ampliação e da abrangência de nossos pontos de observação, tratamos do Olhar.

Se queremos perceber o que acontece, é preciso estarmos receptivos aos aspectos da realidade e suas manifestações, para que os sinais existentes sejam por nós percebidos e transformados em dados, em informações, em conhecimento e, talvez, em sabedoria (um extenso assunto para outro artigo).

Mentes obstruídas significam sentidos obstruídos, desconexão da realidade, entendimento estorvado, ações desencontradas que passam a ser reflexos, impulsos, reações, mas nunca respostas aos desafios.

Entretanto, no olhar do genial Sigmund Freud (1856-1939, austríaco), médico neurologista, fundador da psicanálise, *"nossos complexos são a fonte de nossa debilidade; mas com frequência são também a fonte de nossa força"*.

Paulo Freire nos disse: *"Conhecer é tarefa de sujeitos, não de objetos. E é como sujeito, e somente enquanto sujeito, que o homem pode realmente conhecer."*

Se estamos receptivos, com a mente aberta, os sentidos em alerta e refletimos a respeito do que observamos, em algum momento se dará aquela experiência reveladora do novo, o dar-se conta, o "cair da ficha".

Assim, minha segunda conclusão diz respeito ao **Compreender**.

Sinto-me de acordo com a visão do escritor Jiddu Krishnamurti, (1895-1986, indiano), que nos diz que *"se realmente entendemos o problema, a*

resposta virá dele, porque a resposta não está separada do problema."

Desta forma, conhecer e compreender andam de mãos dadas, fazem parte do mesmo processo enriquecedor que nos prepara para os desafios da vida.

Vale aqui lembrar a reflexão bem humorada de Mark Twain, (1835-1910, estadunidense) escritor, humorista e romancista:

"Quando o único instrumento que você tem é um martelo, todo problema que aparecer você tratará como um prego."

Em nossa língua, a *"última flor do Lácio, inculta e bela"* (Luís Vaz de Camões, 1525-1580, português e poeta-mor na formação de nosso idioma), "conhecer" significa "aprender, procurar saber, apreender, conscientizar-se, vivenciar", atitudes e ações que na caminhada nos permitem alcançar o que entendemos por "compreender".

Compreender, para além de "entendimento", significa ainda "conter em si", "abranger", "estender sua ação a". Como vimos nos artigos *Democracia e Utopia* (Dez 2008), *"a mente que se abre a uma nova idéia jamais volta ao tamanho original"* (Albert Einstein); do ponto de vista psicanalítico, "conhecer" significa "co-nascer" (nascer com), nascer junto ao novo entendimento, com uma nova e ampliada mente.

Alguns de nós (oxalá todos o fizessem) costumamos olhar para fora, para os céus, procurando ver e perscrutar o infinito. Mas há um outro desafio ainda mais urgente (infelizmente enfrentado por um número ainda menor de nós): olhar para dentro, para um outro universo, um outro infinito que somos, cada um de nós.

Conhecer a si mesmo (*"conhece-te a ti mesmo"*, Sócrates) é mergulhar nesse universo infinito e único que cada um de nós é, o que permitirá revelá-lo,

reconhecê-lo, participar de si (sendo sujeito e não espectador) encorajando sua evolução.

Estabelecer relações saudáveis (*"amai-vos uns aos outros como vos amei"*, Jesus de Nazaré), é fazer com que cada um destes universos encontre parceiros na caminhada da existência para que cada um e todos beneficiem-se mutuamente, para que novas riquezas e novos universos sejam criados. Malgrado nossas diferenças, poderemos sempre encontrar a possibilidade de percorrermos juntos ao menos um trecho da jornada.

São estas as atitudes e gestos que constituem as ferramentas básicas e essenciais para que consigamos a quebra do *ciclo vicioso* em que estamos todos, indivíduos e sociedade, presos até hoje, como vimos nos artigos *Desenvolvimento e Sustentabilidade* (Jul 2008). É necessário quebrá-lo em dois pontos, no universo interior e no universo exterior, para que consigamos superá-lo.

É assim que me vejo e é assim que me sinto, como a interface viva entre estes dois universos, interior e exterior,

pensando, refletindo e criando como se fosse eterno; e agindo como se este fosse meu último dia.

O escritor André Gide nos diz que *"toda a teoria só é boa na condição de que, utilizando-a, se vá mais além."*

Em seu livro *Carta a uma Nação Cristã*, o filósofo e escritor Sam Harris (1967, estadunidense), parafraseando Einstein, diz que *"o cerne da ciência não são as experiências controladas, nem os modelos matemáticos; é a honestidade intelectual."*

Mais abrangente, a reflexão original feita por Einstein nos diz:

"A maioria das pessoas pensa que é o intelecto que faz um grande cientista. Estão equivocadas: é o caráter."

Um dos maiores valores do conhecimento é o fato dele nos tornar próximos da ação correta, para que percebamos os avisos de incêndio e para que sejamos iluminados não pelo fogo de nossas inconseqüências, mas pelo brilho da verdade.

Conclusões (3): O Agir

Artigo 37, publicado no Correio da Serra, Santo Antonio do Pinhal, SP, edição de Jun 2009

Undécimo Capítulo: aprofundemos nossas conclusões nesta jornada.

Nos artigos anteriores tratamos da importância do Olhar e do Compreender para melhor percepção da realidade e sua interpretação, em atendimento às nossas necessidades e às daqueles com quem, de alguma forma, nos relacionamos (a esta altura, todos).

Os jovens que buscam seu primeiro trabalho deparam-se com um perverso paradoxo: como são iniciantes, não possuem "experiência"; porém, invariavelmente, um dos primeiros quesitos a que têm que responder diz respeito à sua "experiência anterior", senão, nada feito (cabe aqui lembrar que um dos ardis da economia capitalista é a manutenção sistemática de um enorme contingente de desempregados ávidos por uma colocação, enquanto pressiona os empregados por maiores produção e qualificação junto a menores salários).

A mais sábia interpretação que encontrei do que venha a ser experiência foi revelada, é claro, por uma reflexão filosófica: *experiência não é o que você fez; é o que você faz com o que fez*. A frase exata de Aldous Huxley, cientista e escritor, diz: *"Experiência não é o que acontece com você, mas sim o que você fez com o que lhe aconteceu."*

Neste sentido, é sinônimo de conhecimento, o conhecimento que leva à ação adequada, uma resposta e não uma reação ao desafio. Como já vimos, *"mentes obstruídas significam sentidos obstruídos, desconexão da realidade, entendimento estorvado, ações desencontradas que passam a ser reflexos, impulsos, reações, mas nunca respostas aos desafios"*.

Assim, minha terceira conclusão diz respeito ao **Agir**.

É necessário mudar o olhar, o compreender e a ação: é necessário um saudável desenvolver de conceitos e conhecimentos, de valores e atitudes, de costumes e práticas.

Tradição se faz (não cai dos céus, podemos fazer uma nova bem rapidamente) e é necessário movermos os traseiros dos cómodos assentos para abandonarmos a atitude do "santo dai-me" (dai-me de comer, dai-me de beber, dai-me de pensar), a humilhante postura do pires na mão, fruto da depressão imobilizadora (o nosso mal profundo dos séculos últimos).

Há que superar o problema do medo inicial (e inercial): a pequena dor que incomoda, mas a que, por falta de coragem, nos acostumamos, pois a dor de seu enfrentamento e superação nos assusta (e avassala), tornando-nos, assim lenta e cotidianamente, escravos da inação.

Vale aqui lembrar Mahatma Gandhi a nos dizer que *"a alegria está na luta, no esforço, no sofrimento que a luta supõe e não na vitória."*

Atento e combatendo as iniquidades de nossa era, o pastor e ativista político Martin Luther King Jr (1929-1968, estadunidense) observava que *"o que mais preocupa não é o grito dos violentos, dos corruptos, dos desonestos, dos sem caráter, dos sem ética. O que mais preocupa é o silêncio dos bons."*

A origem desta mensagem reside numa reflexão anterior de Einstein, ainda ele: *"o mundo é um lugar perigoso, não pelos que fazem o mal, mas pelos que observam e não fazem nada a respeito."*

A grande crise que nos assola não é apenas uma mera crise financeira, como quer hipocritamente nos fazer crer toda a mídia comprometida com os valores do capital, e tampouco apenas mais uma de suas previsíveis crises cíclicas: é a conjunção potencializada

de uma série de conflitos inerentes a um modelo civilizatório esgotado, um modelo nefasto que traz em si inúmeros problemas e que, ao pretensamente resolvê-los, cria inúmeros novos conflitos.

Bertrand Russel (1872-1970, galês), matemático, filósofo e pacifista ativo, fez uma irônica reflexão a respeito: *“A humanidade transformou-se em uma grande família, tanto que não podemos garantir a nossa própria prosperidade se não garantirmos a prosperidade de todos. Se você quer ser feliz, precisa resignar-se a ver os outros também felizes.”*

Menos mordaz, Hannah Arendt dizia que *“a Terra é a própria quintessência da condição humana e, ao que sabemos, sua natureza pode ser singular no universo, a única capaz de oferecer aos seres humanos um habitat no qual podem mover-se e respirar sem esforço nem artifício. O mundo – artifício humano – separa a existência do homem de todo ambiente meramente animal; mas a vida, em si, permanece fora desse mundo artificial e, através da vida, o homem permanece ligado a todos os outros organismos vivos.”*

Há uma carta emblemática atribuída, em tese, ao Chefe Sealth (Ts'ial-la-kum), (1786-1866), líder das tribos Suquamish e Duwamish no que hoje é o estado americano de Washington. É sua resposta à oferta de compra de território que lhe fez o presidente Pierce em 1854. Reproduzo aqui apenas alguns trechos (já que, por sua profundidade, será objeto de outro artigo):

“Como você pode comprar ou vender o céu, o calor da terra? A idéia é estranha para nós. Cada parte da Terra é sagrada para o meu povo. Cada pinha

brilhante, cada praia de areia, cada névoa nas florestas escuras, cada inseto transparente, zumbindo, é sagrado na memória e na experiência de meu povo. Somos parte da Terra e ela é parte de nós.

Nós sabemos que o homem branco não entende nossas maneiras. Para ele um pedaço de terra é igual ao outro, pois ele é um estranho que chega à noite e tira da terra tudo o que precisa. A Terra não é seu irmão, mas seu inimigo e quando ele o vence, segue em frente. Ele deixa para trás os túmulos de seus pais, e não se importa. Ele seqüestra a Terra de seus filhos, e não se importa.

Seu apetite devorará a Terra e deixará atrás de si apenas um deserto. O homem branco parece não perceber o ar que respira.

Pois tudo o que acontece aos animais, logo acontece ao homem. Todas as coisas estão ligadas.

Isto nós sabemos: a Terra não pertence ao homem, o homem pertence à Terra. Tudo o que acontece à Terra, acontece aos filhos da Terra.

O homem não teceu a teia da vida – ele é apenas um fio dela. O que quer que ele faça à teia, ele faz a si mesmo.”

Vale lembrar, afinal, Bertold Brecht (1898-1956, alemão), poeta e dramaturgo, que dedicou sua existência a combater o totalitarismo (mormente o fascismo e o nazismo):

“Há homens que lutam um dia e são bons; há outros que lutam um ano e são melhores; há aqueles que lutam muitos anos e são muito bons. Mas há os que lutam toda a vida; estes são os imprescindíveis.”

Conclusões (4): O Transcender

Artigo 38, publicado no Correio da Serra, Santo Antonio do Pinhal, SP, edição de Jul 2009

Undécimo Capítulo: aprofundemos ainda nossas conclusões nesta jornada.

Nos últimos artigos tratamos do *olhar* para percebermos, do *compreender* para conhecermos, do *agir* para respondermos.

Penso que a esta altura o desafio está claro. Em princípio, todos desejamos viver uma vida melhor; porém, sabemos que esta "vida melhor" não cairá dos céus, nem brotará espontaneamente do nada.

Quando aqui (distantes de previsões apocalípticas) tratamos dos grandes e pequenos problemas que vivemos individual, coletiva e planetariamente, cuidamos dos desafios de nossa era e do esgotado modelo civilizador a enfrentar, debruçamo-nos sobre o *limite* e o *limiar*.

Temos hoje à disposição os elementos básicos para agir: a necessidade está posta, a percepção desponta, o conhecimento é construído e há, sim, gente bem disposta em número suficiente, além da responsabilidade em fazê-lo. O tempo urge, os meios existem. Falta-nos nos entendermos e metermos mãos à obra; eis a crise e eis a oportunidade de superá-la.

Na busca de um bom entendimento, tenho aqui insistido na etimologia, o estudo da origem e da evolução das palavras até remontar ao étimo (do grego *'étumon'*, "o verdadeiro significado da palavra segundo sua origem"), a base para a formação de uma palavra. Palavra é verbo e verbo é ação.

Procurei esmiuçar o limite (do latim *'limes'*, que é "fronteira", mas também "caminho") e o limiar (do latim *'limiaris'*, "soleira da porta", "ponto de passagem") para melhor podermos compreender o atual transe civilizatório (do latim *'transire'*, "passar de um lugar

a outro"), o fim de um mundo e o nascer de outro.

Assim, minha quarta conclusão diz respeito ao **Transcender**.

Em nossa luta por uma vida e um mundo melhores, é necessário superar limitações e limites para erigir o novo, é necessário *transcender* (do latim *'transcendere'*, "passar subindo", "atravessar", "ultrapassar", "transpor").

Baruch de Spinoza (1632-1677, holandês), filósofo e fundador do criticismo bíblico moderno, recomenda "não rir, nem lamentar-se, nem odiar, mas compreender." Spinoza aponta-nos que "a felicidade não é um prêmio da virtude, é a própria virtude" e que julgamos uma coisa boa não por julgamento, mas porque a desejamos.

Se de fato desejamos a "vida melhor", não podemos esperá-la, temos que construí-la; e é necessário fazê-lo a partir do que temos ao nosso alcance, com os olhos no futuro, mas com os pés no presente. Lembrando ainda uma vez Karl Marx (v. artigo *Sustentabilidade e Cidadania*, Ago 2008), "é preciso superarmos as ilusões para que alcancemos uma condição que não precise de ilusões".

Como vimos, Einstein nos alerta para o fato de que "não podemos resolver problemas usando o mesmo tipo de pensamento que usamos quando os criamos... Insanidade é fazer a mesma coisa uma e outra vez, esperando obter resultados diferentes."

Nossa salvação não virá por meio das pseudo-soluções do sistema atual e seu projeto de sociedade, não por esta globalização de fancaria, este simulacro hipócrita, onde são maximizados o lucro, a exploração e a acumulação sem limites por parcelas ínfimas da população, que resultam afinal no esgotamento de tudo e de todos e onde só são socializados pela comunidade os

previsíveis e cíclicos prejuízos (as crises), mas, sim, nossa redenção será possível por uma globalização de fato, mundialização onde sejam completamente universais os valores éticos da solidariedade, da sustentabilidade, da inclusão e emancipação social, em suma, a justiça social, a equidade.

Considerando a Teoria dos Sistemas (v. artigo *Ambiente e Ecologia*, Out 2006), que busca por olhar a totalidade, é possível perceber que vivemos um sistema que engendra-se organicamente e que lutará para perpetuar-se. Todo sistema, uma vez implantado, passa a comportar-se como um organismo: lutará pela sua sobrevivência, de todas as maneiras.

Nas palavras de Moacir Gadotti (1941, brasileiro), filósofo, pedagogo, escritor e professor da USP, em seu livro *Educar para a Sustentabilidade*, para combatê-lo e superá-lo *“trata-se de realçar o que temos em comum. Se não tivermos nada em comum o que nos restará será a guerra [em qualquer uma de suas inúmeras formas]. Antes de realçarmos nossas diferenças precisamos realçar o que nos une, o que temos em comum como seres humanos. Precisamos buscar o que é comum para a humanidade que está em todos nós. Toda e qualquer pessoa é igualmente responsável pela comunidade da Terra como um todo... Um novo modelo de desenvolvimento precisa de uma nova sustentação ética.”*

Com ele concordo em que *“está claro que entre sustentabilidade e capitalismo [aqui sintetizado pela predação da*

natureza, acumulação ilimitada e exploração do trabalho] existe uma incompatibilidade de princípios [e de práticas]... Desenvolvimento sustentável só tem sentido numa economia solidária” [aqui sintetizada pela solidariedade, sustentabilidade, inclusão e emancipação social], com a necessária desmercantilização do processo econômico, revertendo o curso já denunciado há 500 anos por Tomas Morus (v. artigo *Democracia e Utopia*, Fev 2009).

Concordo ainda que *“a resposta parece vir hoje do fortalecimento do controle cidadão frente ao estado e ao mercado. É a sociedade civil fortalecendo sua capacidade de governar-se e de criar mecanismos de gestão pública não-estatal; aqui, eis o papel importante da educação e da formação para a cidadania ativa... Mudar o mundo é entender o poder como capacidade de fazer, como serviço, afirmando que ‘nós’ é que podemos mudar o mundo, nós, as ‘pessoas comuns’, temos a capacidade de mudar o mundo.”*

E por fim: a 100ª edição deste jornal é um fato para ser comemorado e muito. O Correio é um marco na história de nossa cidade, uma empreitada heróica levada adiante pelos esforços da Ana Paula, do Viola, da Angélica e de todos os demais colaboradores, entre os quais me vejo honrosamente incluído. Como diziam o Sr. Spock e o Capitão Kirk, *“vida longa e próspera a todos”*.

Conclusões (5): O Imaginar

Artigo 39, publicado no Correio da Serra, Santo Antonio do Pinhal, SP, edição de Ago 2009

Undécimo Capítulo: agora para encerrar nossas conclusões nesta jornada de reflexões.

Todo conhecimento científico é útil, fruto de uma construção árdua e perseverante; porém, mesmo esculpido em pedra, é também necessariamente transitório, pois que é uma nossa interpretação da realidade, ela em si mesma impermanente (ocioso dizer que o conhecimento não científico é ainda mais frágil, quando não mero preconceito e inútil).

Pensando em educação, não haveria problema algum (mas há) em classificar as ciências em humanas, exatas ou biológicas: bastaria que o ponto de partida fosse o mesmo e o olhar não se perdesse na caminhada, limitando-se a ver cada vez menos. Podemos caminhar tranquilamente em direção às minúcias, desde que mantenhamos o olhar aberto às sínteses.

Frank Herbert, já citado, diz em sua saga Duna (*Os Hereges de Duna*): *“a maioria das disciplinas não se destina a liberar e sim a limitar. Não pergunte ‘por quê’. Seja cauteloso com o ‘como’. O ‘por quê’ conduz inexoravelmente ao paradoxo. O ‘como’ o aprisiona num universo de causa e efeito. Ambos negam o infinito”*.

Herbert sintetiza com grande precisão conceitos da Física Quântica e da Psicologia humana:

“No nível do quantum [o ínfimo] nosso universo pode ser visualizado como um lugar indeterminado, estatisticamente previsível somente quando se empregam números suficientemente elevados. Entre este universo e um outro [o supremo], relativamente previsível, onde a passagem de um único planeta pode ser cronometrada em picossegundos, outras forças entram em ação. E no universo intermediário, onde se passam nossas vidas diárias, aquilo em que você acredita torna-se a força dominante.

“Suas crenças dirigem o desdobramento dos eventos diários. Se um número suficiente de pessoas acredita em alguma coisa, essa coisa passa a existir. A estrutura da crença cria um filtro através do qual o caos se transforma em ordem.”

A natureza da realidade, esta impermanência, traz para nós seres humanos, principalmente os criados nos valores da cultura ocidental, um maldisfarçado desconforto, frequentemente uma angústia. Ressentimo-nos da aparente falta de chão, a falta de certezas e de ordem, precisamos ver pedras onde pisar.

Bruno Latour (1947, francês), filósofo e sociólogo das ciências, (em *Politiques de la Nature*) crê que a questão principal é *“então como pensar a política sem a natureza?”* Em suas palavras, *“é difícil divulgar a ciência porque [hoje voltada a servir ao capital] ela é planejada para alijar logo de cara a maioria das pessoas. Não espanta que professores, jornalistas e divulgadores encontrem tanta dificuldade quando tentamos trazer de volta os leitores excluídos.”*

É preciso ter em mente que não é possível pensar política (*“ciência dos negócios do Estado”*, v. *Cidadania e Democracia*), não é possível pensar economia (*“administração do lugar onde se vive”*, v. *Desenvolvimento e Sustentabilidade*), e de resto qualquer atividade humana, sem levar em conta o fato de que somos uma espécie como qualquer outra, uma dentre os milhões ainda existentes (e rapidamente declinantes), produto e resultado de um longuíssimo processo natural de evolução e seleção.

Não sabemos o grau de consciência (do latim *“sciencia”*, *“conhecimento”*, *“saber”*) que outras espécies têm, mas o fato é que atribuímos a nós mesmos um alto grau deste condão, o que nos

tornaria, a nossos próprios olhos, a espécie “mais desenvolvida” na Terra. Posso apenas imaginar qual seria a opinião a nosso respeito, caso outras espécies tivessem se tornado conscientes de si mesmas... como o Homem de Neanderthal (*H. neanderthalensis*, v. *A Percepção do Tempo*).

Relembremos Einstein a nos dizer que “em tempos de crise só a imaginação é mais importante que o conhecimento... a lógica o levará de A a B, mas a imaginação o levará a qualquer lugar.”

Assim, minha quinta conclusão diz respeito ao **Imaginar**, para termos a liberdade de ir a qualquer lugar.

Reconheço abençoados os que navegam pela incerteza, pois dela é feito o caminho para o conhecimento. Em suas reflexões, Einstein nos remete à “alegria de contemplar e de compreender, eis a linguagem a que a natureza me incita.”

Sabemos hoje que, desde que surgiu, há cerca de 4 bilhões de anos, a Vida tem uma preciosa regra: alimentar a diversidade para enfrentar a adversidade.

É assim que ela foi capaz de atravessar eras, bilhões de anos em que foi testada ao extremo, superando mudanças e crises ambientais não apenas regionais, mas planetárias. Há pelo menos nove eventos globais de extinção razoavelmente conhecidos, cinco deles intensos, sendo que três foram extremados (em dois, cerca de 70% da diversidade desapareceu; noutro, 90%). No entanto, a Vida tem se mostrado de tal forma resiliente (em Latim, “*resilire*” é “voltar”, “relançar”) que vejo-me tentado pelo pensamento de que, dadas as condições, ela não apenas é possível, ela é inevitável. A Ciência talvez um dia nos traga esta resposta.

Há inúmeros obstáculos a superar, tanto aqueles que os desafios naturais da vida

nos colocam, como aqueles que nossa estupidez egocêntrica, como indivíduos e como sociedade, nos cria. Se de fato queremos superá-los e se temos isto como objetivo, para além de reconhecê-los com ciência (*olhar, compreender, agir, transcender*), é preciso também *imaginar* todas as possíveis soluções, “audaciosamente indo onde nenhum homem jamais esteve”, não importa quão árdua ou hercúlea pareça a jornada para romper o ciclo vicioso nos dois pontos citados. Como nos disse Henry Ford (1863-1947, estadunidense), inventor e empresário criador da linha de montagem, “os obstáculos são aquelas coisas terríveis que você vê quando desvia os olhos do seu objetivo.”

Com frequência dedico-me a superar desafios por meio de um exercício prévio: imaginar a coisa resolvida e então fazer o caminho de volta até o agora. Viajo ao futuro e vivencio a situação desejada, saboreio a conquista; daí, passo a passo, percorro o caminho de volta até a presente condição. E então recomeço minha jornada em direção ao futuro, um dia após o outro.

Muitas vezes me senti saltando do avião sem um paraquedas; mas aprendi a não me esquecer de levar comigo agulha e linha... É como nos diz Ray Bradbury (1920, estadunidense), escritor: “Primeiro você salta do penhasco e, na descida, constrói suas asas.” E também Carl Sagan (1934-1996, estadunidense), astrônomo, escritor, em sua obra *Contato*, pelo pai da personagem Eleanor Arroway: “*Small steps, Ellie, small steps...* [pequenos passos, filha, pequenos passos]”.

Imaginar é um exercício de esperança; e, como bem nos lembra Eduardo Galeano:

“Há um pecado que não merece perdão: aquele contra a esperança.”